

RETRATO DE FAMÍLIA
**Newton
e Florinda
Rabello**

Newton Rabello nasceu na cidade de Mineiros do Tietê, que fica entre Jaú e Dois Córregos, no dia 1 de dezembro de 1930. É também a cidade de origem do ex-prefeito de Bauru e ex-deputado estadual Oswaldo Sbeghen, seu amigo até hoje. Até se aposentar como bancário, acumulou 40 anos de serviço, sendo 21 anos no Banco Bandeirantes. Foi casado 43 anos com a saudosa Florinda Ferreira Rabello. Foi sócio-proprietário da casa de xerox Maqnew, em atividade há três décadas e está aposentado há 37 anos. Rabello, como é conhecido no dia a dia, assumiu e desempenhou várias funções: comerciário, militar, atleta, bancário, gerente de financeira, empreendedor e afins. Como atleta, participou de duas São Silvestres. Hoje, viúvo, curte a vida de pai, sogro, avê e bisavô.

“Fui aluno da Escola “Luiz de Toledo” dos 7 aos 13 anos. “Mesmo com pouca idade, isso aos 7 anos, comecei a aprender o ofício de sapateiro, como ajudante de um profissional desse setor. Depois, virei comerciário trabalhando no armazém do senhor Firmino Riso, dono da Casa Progresso, na Rua



CESAR SAVI
Especial para o BI

Cássio e Ariana Marthá com os filhos Mário e Gabriela (neta e bisnetos), Suzana Rabello (filha), Simone, Toninho, Silvana Christina Rabello (filha), Lilian e Gustavo Silveira com os filhos Marcos e Marcel (neto e bisnetos), Cristiene Empke Vianna, Newton Rabello Junior com os filhos Thomás Vianna Rabello e Manuela Vianna Rabello (filho, nora e netos).

Salvador Mercadante uma firma tradicional na pequena cidade” lembra Rabello;

Ainda na boa memória do ex-bancário, ele cita que tinha um posto de gasolina na mesma rua. Era tempo de guerra. Ele ajudava no posto aos 10 anos de idade onde ficou 5 anos. Carros vendiam pacotes de cigarros e precisavam da racionada e valiosa gasolina para circular e entregar os pedidos. Ele cuidou de abastecer muitos veículos entregando, sigilosamente, latas de gasolina em uma carrocinha sem ser visto por ninguém.

•Em São Paulo

O economista Luiz Alvez Albertin era amigo do seu pai e diretor do Colégio Coração de Jesus, em São Paulo, e ofereceu um emprego para um jovem de 15 anos morador na modesta e pequena cidade de Mineiros do Tietê. Pai e filho concordaram com a proposta e os dois foram até a Capital. “Na União dos Ex-Alunos Salesianos eu fazia limpeza e entre coisas, aprendi a jogar bilhar muito bem nas horas de folga. Minha irritação era com o chefe José Luiz Gracoto que, mesmo com tudo limpo, jogava papel no chão para que eu recolhesse. Trabalhei 5 anos nesse local e assumi o cargo de supervisor de armazém do Sesc que tinha uma rede de supermercados. Permaneci nesse emprego alguns anos”, frisa Rabello.

Com nova meta para melhorar de vida, resolveu ser militar e ingressou na Base Aérea Cumbica onde ficou quatro anos. Fez curso de soldado e praticou vários esportes, entre eles, o atletismo vencendo dezenas de corridas de curtas e médias distâncias entre militares. As provas eram realizadas em várias cidades do Brasil. Chegou a treinar corridas no São Paulo Futebol Clube, quando a sede era no Canindé, sob a orientação de um técnico alemão.

•São Silvestre e sapatilha emprestada

“Particpei de duas São Silvestre. Em 1950, com 1.558 atletas que começaram a corrida e 707 a terminaram e cheguei na posição 158. No ano seguinte, concorreram 1601 pessoas e cheguei na classificação 150 e finalizaram a prova 704 concorrentes”, lembra Rabello. O técnico alemão Deustrich Guerm, treinava nosso grupo de militares que também disputava provas civis. Um patrício do mesmo, Eric Krucziky veio para o Brasil especialmente para participar da São Silvestre. Durante os treina-

mentos, o técnico percebeu que a sapatilha do seu conterrâneo não era adequada para a prova por vários motivos e ele era considerado como favorito. Meu calçado estava “amaciado”, era o mesmo número do visitante. Deustrich falou comigo e pediu que a mesma fosse emprestada. Concordei com o pedido e Eric foi o vencedor da São Silvestre com a minha colaboração, frisa sorrindo o veterano e saudável Newton Rabello.

•Pederneiras/Bauru

Em 1951, Rabello pediu baixa e veio morar em Pederneiras, onde seu pai, Antônio de Pádua Rabello, era escrivão de Polícia. Depois de algum tempo de folga na cidade, seu irmão Aderson Rabello o indicou para trabalhar no Banco Paulista do Comércio, gerenciado por Geraldo José Castanho. Começou e saiu do banco como caixa. “Pedi demissão em um dia e no mesmo dia entrei, também como caixa, no Banco Bandeirantes. A agência era no térreo do Hotel Alvorada. Depois, o banco comprou um terreno e nas esquinas da Rua Rio Branco e 1º de Agosto onde construiu o Edifício “Clemente de Faria”, nome dado em homenagem ao presidente da instituição. A agência ficou no térreo, onde hoje é uma farmácia”, relembra Rabello. O prédio era só de salas comerciais e o habilidoso bancário se destacou vendendo muitas delas para clientes e não clientes do banco. Ele também foi o primeiro em abertura de contas e em vendas de ações do banco.

Em sua carreira no Banco Bandeirantes, foi transferido para a cidade de Araçatuba para recuperar uma agência deficitária. Por divergências com a diretoria pediu demissão. Voltou para Bauru e a convite de um diretor da financeira Promovel/Zogbi, que era seu amigo, assumiu a gerência onde ficou 5 anos. Está aposentado há 37 anos.